

EGRESSOS DA GRADUAÇÃO

LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Avaliação



Comissão Própria de Avaliação



2006 - 2010



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO – CPA**

**RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

PONTA GROSSA

2012

Avaliação

é um fenômeno que permite a revelação de todas as nossas concepções. Mais que um processo de natureza técnica e asséptica, é uma atividade imbuída de dimensões pedagógicas, políticas e morais. Pelo modo como se pratica a avaliação, poderíamos chegar às concepções do profissional que a empreende a respeito da sociedade, das instituições de ensino, da aprendizagem e da comunicação interpessoal.

Miguel Angel Santos Guerra (2007)

REITORIA

Reitor

João Carlos Gomes

Vice-reitor

Carlos Luciano Sant'Ana Vargas

PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO

Altair Justino

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO

Mary Ângela Teixeira Brandalise

Clícia Bühner Martins

Cláudio Puríssimo

Constantino Ribeiro de Oliveira Junior

Diva Brecailo Abib

Esméria de Lourdes Savelli

Jeremias Borges da Silva

José Trobia

Josiane Cristine Bachmann Madalozzo

Luciane Tessaroli Dezonet

Sandra Cogo

Vanessa Sabóia Zappia

Adriano Augusto Pantaleão

Giane Correia Silva

Nicolly Talita Hrycyna Belo

COORDENADOR DE CURSO

Adriana Salviato Uller

MEMBROS DO COLEGIADO

Carla Silvia Pimentel

Gilson Campos Ferreira da Cruz

Luiz Alexandre Gonçalves Cunha

Marcelo Ubiali Ferracioli

Márcio José Ornat

Mario Cesar Lopes

SUMÁRIO

1 Apresentação.....	6
2 Avaliação dos egressos do Curso de Licenciatura em Geografia.....	7
2.1 Perfil do Egresso	9
2.1.1 Gênero/Sexo.....	9
2.1.2 Idade.....	10
2.1.3 Ano de conclusão egressos.....	11
2.1.4 Cidade de residência atual	12
2.2 Formação na graduação.....	13
2.2.1 Atendimento às expectativas iniciais em relação ao curso.....	14
2.2.2 Aplicabilidade da formação recebida na vida profissional	14
2.2.3 Dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho.....	18
2.2.4 Sugestão à organização curricular do curso.....	20
2.3 Atuação Profissional	25
2.3.1 Relação área de graduação X área profissional.....	25
2.3.2 Tipo de exercício profissional	26
2.3.3 Tipo de atuação profissional.....	27
2.3.4 Tempo entre a conclusão do curso e o primeiro trabalho.....	28
2.4 Qualificação Pós-Graduação	30
2.4.1 Especialização.....	30
2.4.2 Mestrado.....	30
2.4.3 Doutorado.....	30
3 Considerações Finais	31
3.1 Colegiado de Curso	31
3.2 Comissão Própria de Avaliação	33
4 Referências	34

1 Apresentação

A avaliação dos cursos de graduação das instituições de ensino superior atualmente é uma das exigências do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - Sinaes. A avaliação externa, desencadeada nacionalmente através do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – Enade e da Avaliação de Cursos, busca averiguar a qualidade dos cursos de graduação agregando as notas dos estudantes e os insumos da instituição quanto à infraestrutura, aspectos pedagógicos e administrativos, matrículas, regime de trabalho docente, conceitos de curso, entre outros.

Paralelamente à avaliação externa cabe a cada Instituição de ensino superior desencadear os processos de avaliação interna e, é nessa perspectiva que se insere a avaliação dos cursos de graduação realizada pelos egressos do período 2006-2010, desenvolvida na UEPG no primeiro semestre de 2011.

O processo avaliativo foi desenvolvido pela Comissão Própria da Avaliação, em parceria com os coordenadores de curso de graduação, desde a fase de concepção da avaliação, da definição das dimensões a serem avaliadas, da elaboração coletiva do instrumento, da criação do sistema informatizado, da sensibilização e mobilização dos egressos, da participação dos egressos até a fase de organização, análise e divulgação dos resultados.

O instrumento avaliativo construído coletivamente foi composto de 12 questões, sendo 6 (seis) fechadas, 4 (quatro) abertas e 2 (duas) semi-abertas. Os dados oriundos das respostas dadas às questões pelos egressos dos cursos de graduação da UEPG, participantes da pesquisa, foram agrupados nas seguintes categorias ou dimensões neste relatório: a) perfil do egresso; b) formação na graduação; c) atuação profissional e d) qualificação na pós-graduação.

O processo avaliativo realizado envolveu todos os cursos de graduação da UEPG. Dos 6.575 egressos aptos 1.281 responderam todo o questionário, constituindo uma amostra significativa de 19,48%. O desenvolvimento da avaliação dos cursos de graduação na perspectiva dos egressos possibilitou a identificação das potencialidades e fragilidades da formação recebida, a trajetória profissional e a continuidade da qualificação em nível de pós-graduação após a conclusão do curso.

Neste relatório a Comissão Própria de Avaliação registra os resultados da percepção de egressos do curso de **Licenciatura em Geografia**, na modalidade presencial da UEPG. Espera-se que apesar das limitações inerentes a todo processo avaliativo, a análise dos dados aqui apresentada contribua para uma reflexão crítica da qualidade acadêmica e, ao mesmo tempo, possibilitem o (re)pensar contínuo das ações dos gestores institucionais.

Mary Ângela Teixeira Brandalise
Presidente da Comissão Própria de Avaliação

2 Avaliação dos egressos do Curso de Licenciatura em Geografia

A avaliação interna dos cursos de graduação da UEPG traz contributos significativos para um exame mais apurado do currículo, dos projetos, eventos e demais atividades propiciadas aos alunos em sua formação inicial. Neste relatório é tratada a avaliação realizada pelos egressos da Licenciatura em Geografia, contudo, cabe destacar que esse é um dos instrumentos desenvolvidos pela Comissão Própria de Avaliação – CPA e pelo Colegiado que subsidiam as ações pedagógicas e estruturais do curso. Os egressos revelaram suas experiências, representações e significados quanto à formação inicial, após inserção no mercado de trabalho. Esse é um referencial importante para os gestores e docentes do curso, mesmo considerando que não é a lógica de mercado que dá as diretrizes da formação de professores de Geografia na UEPG.

As análises, as informações e os dados apresentados neste documento estão referenciados na colaboração de 24 (vinte e quatro) alunos egressos do curso de Licenciatura em Geografia, formados entre 2007 e 2010. Eles preencheram um questionário que foi disponibilizado em meio digital na página da UEPG e proposto pela CPA/UEPG (Comissão Própria de Avaliação) em parceria com os colegiados de cursos.

Propomo-nos a explorar os significados e os sentidos atribuídos à formação inicial, pois as experiências, em alguma medida, são resultantes de processos sociais nos quais esses indivíduos estão inseridos e, simultaneamente, são os próprios sujeitos.

Para análise dos dados e informações elegemos a metodologia de análise de conteúdo, definida por Bardin (2007, p. 7, grifo da autora) como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Essa metodologia permite abordagens qualitativas e quantitativas das informações, característica desta investigação.

A metodologia parte de uma mensagem, que não precisa necessariamente ser escrita, podendo ser imagética, oral e gestual, que se articula sempre ao contexto de origem. Valemos-nos de um estudo semântico¹ para tratarmos as questões. Desta forma entendemos que as representações dos sujeitos são

¹ Destacamos nesta abordagem o sentido denotativo e conotativo que as falas dos colaboradores desta pesquisa apresentam.

valorizadas, porém tanto os dados quanto as informações permitem que elas sejam validadas e mesmo reafirmadas.

O material utilizado para análise resulta do questionário *online* (semiestruturado) que foi utilizado como modelo padrão para todos os cursos da instituição.

A análise de conteúdo, como metodologia, permitiu revelar os sentidos que os sujeitos constroem em sua prática social e histórica, neste caso em relação à profissão, expressos por meio da linguagem escrita. Para tanto nos orientamos em algumas etapas propostas por Bardin (2007) as quais permitiram organizar as análises: Pré-análise (feita em um primeiro momento pela CPA); determinação das unidades de análise; categorização, descrição e interpretação.

Ao determinarmos as unidades de análise elegemos como unidade de registro, o “tema”, que segundo Bardin (2007, p.99) “[...] é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado [...] O texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadoras de significações isoláveis”.

A ideia é descobrir os “núcleos de sentidos”, como denomina Bardin (2007), das falas dos entrevistados, podendo encontrá-los em uma frase, em um parágrafo. Em alguns casos estabelecemos recortes de trechos das falas, buscando com isso alcançar os núcleos de sentido expressos nas respostas dadas às questões. Realizamos uma leitura atenta de cada uma das respostas emitidas, buscando resgatar a essência dos posicionamentos, considerando a centralidade expressa na pergunta feita a eles. Utilizamos esses recortes no relatório, por meio de citações diretas, os quais possibilitam novas e outras análises.

Já a unidade de contexto foi determinada pela questão feita aos entrevistados. Segundo Bardin (2007, p.100-101) esta unidade “corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro.”

As questões explicitam a temática que se procura desvelar. Para cada questão apresentada no questionário foi possível elaborar gráficos e tabelas (atividade realizada pela CPA), possibilitando melhor visualização do posicionamento dos sujeitos sobre os temas inquiridos.

A etapa final é a de descrição e interpretação. A descrição corresponde à apresentação das informações obtidas, após serem organizadas. Optamos por trabalhar com citações diretas incorporadas ao texto. A unidade de contexto (questão) possibilitou destacar diferentes aspectos em relação à avaliação proposta. Cada item do relatório está acompanhado de um texto interpretativo, que procura revelar os significados extraídos das representações dos egressos considerando também as concepções dos docentes do colegiado.

Nosso propósito maior é marcado pela intenção de uma compreensão mais aprofundada das ações desenvolvidas na formação inicial de professores de Geografia.

2.1 Perfil do Egresso

Neste quesito foram levantados dados e informações sobre sexo, idade, ano de conclusão de curso e cidade de residência dos 24 egressos colaboradores desta pesquisa.

2.1.1 Gênero/Sexo

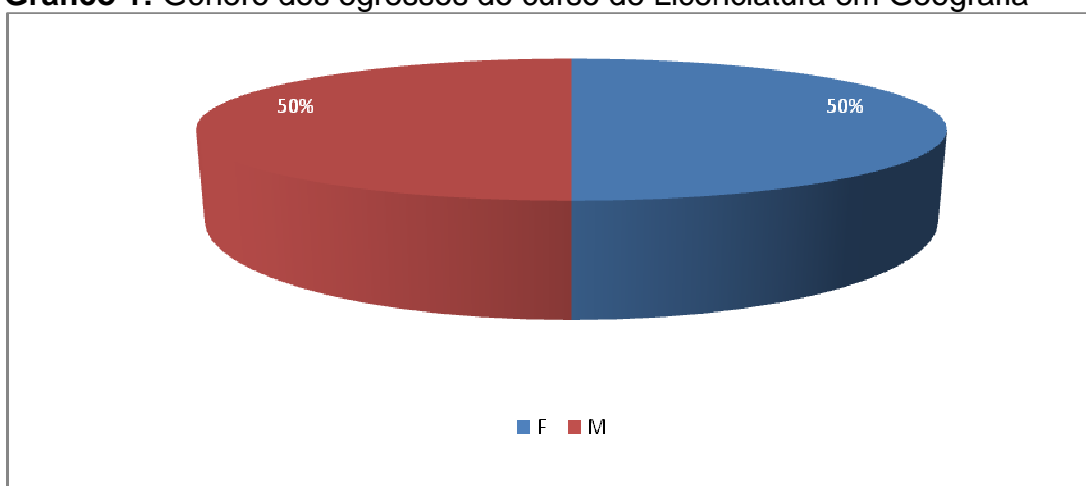
O grupo, composto por 12 egressos do sexo feminino e 12 do sexo masculino, formado por adesão aleatória, resultou em um perfil equitativo na questão de gênero, sendo 50% de cada sexo.

Tabela 1: Gênero dos egressos do curso de Licenciatura em Geografia

GENERO	Total
F	12
M	12
Total geral	24

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 1: Gênero dos egressos do curso de Licenciatura em Geografia



Fonte: CPA/UEPG

2.1.2 Idade

Em relação à faixa etária o grupo apresenta intervalo entre 22 e 53 anos. Sendo que esta distribuição aponta o seguinte percentual: 71% de alunos com idades entre 22 e 30 anos, 25% com idade entre 31 e 40 anos e 4% com idade acima de 50 anos.

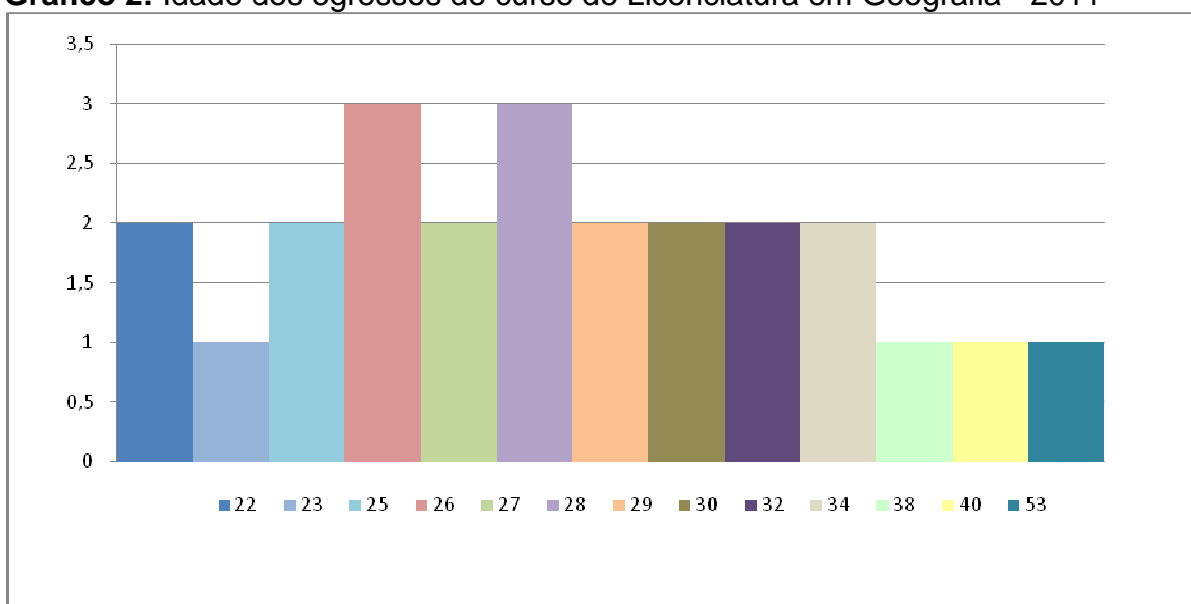
Tal informação nos permite afirmar que a população alvo que cursa a Licenciatura em Geografia, é em sua maioria composta por jovens, conforme pode ser também constatado nas representações gráficas que seguem.

Tabela 2: Idade dos egressos do curso de Licenciatura em Geografia

IDADE	Total
22	2
23	1
25	2
26	3
27	2
28	3
29	2
30	2
32	2
34	2
38	1
40	1
53	1
Total geral	24

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 2: Idade dos egressos do curso de Licenciatura em Geografia - 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.1.3 Ano de conclusão egressos

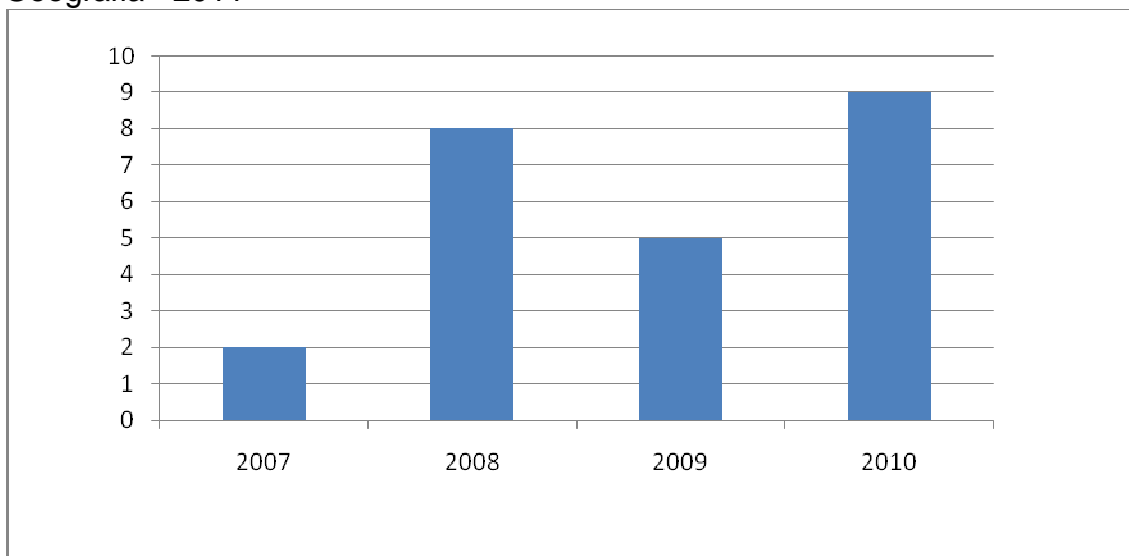
Os acadêmicos que foram convidados a preencher o formulário compreendem um grupo formado nos últimos 4 (quatro) anos, garantindo assim uma relação ainda próxima da graduação, favorecendo a análise prevista em relação ao mercado de trabalho.

Tabela 3: Ano de conclusão dos egressos do curso de Licenciatura em Geografia - 2011

ANO CONCLUSAO	Total
2007	2
2008	8
2009	5
2010	9
Total geral	24

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 3: Ano de conclusão dos egressos do curso de Licenciatura em Geografia - 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.1.4 Cidade de residência atual

No que tange ao domicílio atual dos alunos egressos podemos constatar que 71 % dos estudantes residem em Ponta Grossa, porém historicamente atendemos alunos de toda a região dos Campos Gerais (compreendendo os 26 municípios que integram a Associação dos Municípios dos Campos Gerais), além de muitos alunos provenientes do Estado de São Paulo e alguns outros dos demais Estados da Federação, como do município de Várzea Grande – MT mencionado nesta pesquisa.

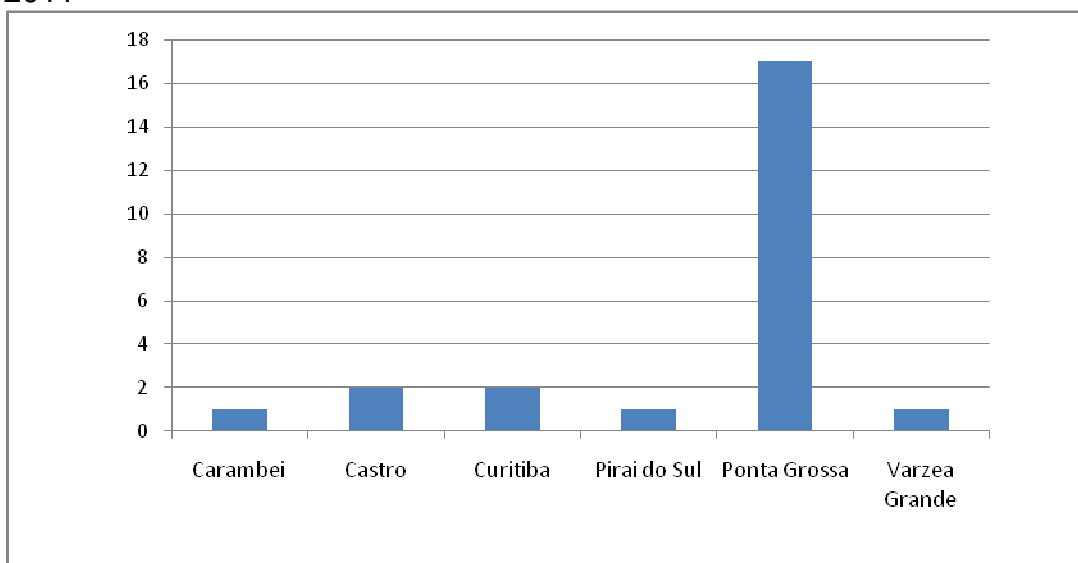
Abaixo, os alunos participantes do questionário indicam alguns destes municípios como sendo os de suas residências.

Tabela 4: Cidade dos egressos do curso de Licenciatura em Geografia - 2011

CIDADE	Total
Carambeí	1
Castro	2
Curitiba	2
Pirai do Sul	1
Ponta Grossa	17
Várzea Grande	1
Total geral	24

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 4: Cidade dos egressos do curso de Licenciatura em Geografia - 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.2 Formação na graduação

As informações e dados obtidos neste campo são de essencial interesse à comissão avaliadora da instituição, bem como ao colegiado de curso que irão, através desses resultados, analisar seus projetos pedagógicos e curriculares e demandas necessárias para atingir a qualidade pretendida na formação de profissionais da educação.

Levando em consideração que 50% dos participantes dessa pesquisa estão atuando diretamente na área de formação específica, entendemos que o percentual de atendimento às expectativas em relação à formação (87,50%) foi bastante favorável, pois é um índice elevado.

Ainda cabe destacar que alguns destes egressos (8,33%) assinalam que o curso superou suas expectativas em relação ao campo de trabalho.

Nesse sentido, mesmo sendo menor o percentual de desagradados quanto ao atendimento das expectativas sobre o curso, acrescentamos que esta é uma preocupação constante do Colegiado, que busca com regularidade acompanhar o desenvolvimento dos alunos e inferir propostas contributivas para ampliar a qualidade da formação desses acadêmicos.

Salienta-se que os ex-alunos, participantes desta pesquisa, são oriundos da Proposta Curricular implementada em 2004, fundamentada nas atuais Diretrizes

Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, que por sua vez proporcionou maior valorização da profissionalização docente, dissociando a Licenciatura do Bacharelado.

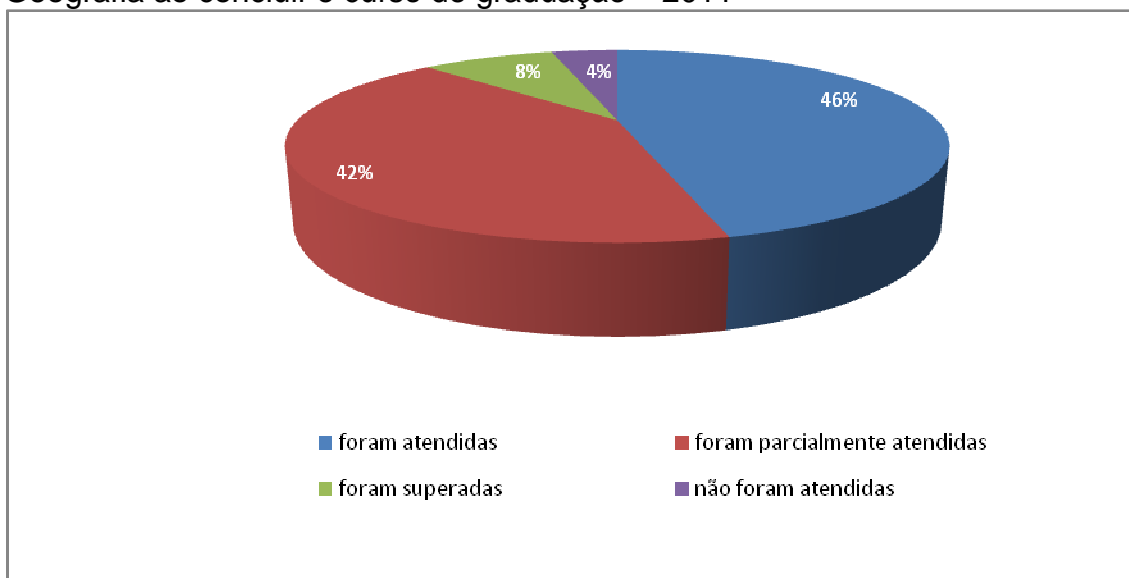
2.2.1 Atendimento às expectativas iniciais em relação ao curso

Tabela 5: A expectativa dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em Geografia ao concluir o curso de graduação - 2011

Opção	(Qt)	(%)
foram atendidas	11	45,83%
foram parcialmente atendidas	10	41,67%
foram superadas	2	8,33%
não foram atendidas	1	4,17%
Total geral	24	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 5: A expectativa dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em Geografia ao concluir o curso de graduação – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.2.2 Aplicabilidade da formação recebida na vida profissional

Dos 24 (vinte e quatro) colaboradores desta pesquisa 79,2% consideram sua formação boa, 8,3% excelente, 4,2% regular e 8,3% ruim (ver Gráfico 6). Apesar de o curso ser qualificado como bom pela maioria dos egressos, a avaliação feita por eles possibilita um exame mais apurado da formação oferecida. Das críticas

apresentadas por todo o grupo podemos destacar a pouca ou inconsistente formação pedagógica desenvolvida pelo curso. Ao analisarmos a grade curricular da Licenciatura em Geografia constata-se maior ênfase em disciplinas de conteúdo geográfico, do que de formação pedagógica.

Considerando que 50% dos colaboradores desta pesquisa atuam como docentes (autônomos e empregados – ver Tabela 7) ainda em início de carreira (concluíram o curso entre 2007 e 2010 – ver Tabela 3), a avaliação realizada por eles expressa as necessidades mais evidentes do professor iniciante de Geografia formado pela UEPG. A característica de recém-formado deste grupo permite uma real avaliação da formação inicial em relação às necessidades do mercado de trabalho, pois essas dificuldades ainda não foram dirimidas na prática e/ou na formação continuada. Os egressos evidenciam que ao assumirem seu ofício sentiram dificuldades com a gestão de classe e o trabalho de transformação de conteúdos científicos em conteúdos escolares. Entretanto, o conhecimento pedagógico do conteúdo geográfico, como ensina Shulman (2005) é um saber próprio de cada docente, construído diante de seus conhecimentos de Geografia, didático, dos alunos, do contexto no exercício da função. Esse saber não pode ser transmitido como uma “receita”, pois é construído pelo professor no exercício da profissão e diante da realidade em que está inserido.

Sabe-se, que as teorias do conhecimento e da aprendizagem, não conseguiram, até o presente momento, elevar a educação a padrões de alta qualidade, ou mesmo de aceitável qualidade. Contudo, elas nos permitem o desenvolvimento de raciocínios ligados ao campo e trazem padrões de referência para nos guiarmos e analisarmos nossas práticas. Entendemos que muitas das dificuldades e necessidades sentidas pelo grupo se dão por diversos fatores: condições de trabalho, salários, o envolvimento direto dos pais na educação de seus filhos, a formação geral do docente, critérios para inserção na profissão, políticas educacionais inadequadas, inconsistente formação inicial e continuada, entre outros. Muitas dessas condições a formação inicial não pode superar. Entretanto as colocações dos egressos revelam um distanciamento entre a formação teórica do campo educacional dada pelo curso e as necessidades da prática profissional. Este distanciamento pode ser encurtado a partir da revisão das propostas desenvolvidas pelas disciplinas do campo pedagógico e dos estágios. Em relação às disciplinas que compõem às 400 horas de “prática como componente curricular” precisam

corresponder a formação do professor de Geografia, questão ainda não equalizada no curso. Nesse sentido é que os egressos apontam ênfase na formação do bacharel, evidenciada pela presença de disciplinas específicas da Geografia na grade curricular do curso e também pela pouca preocupação desses componentes curriculares com a profissão que será exercida por eles. Há crítica ainda em relação à estrutura do curso, que conta com poucos laboratórios e escassos investimentos para realização de atividades diferenciadas, como trabalhos de campo, eventos e práticas. A seguir são expressos os registros feitos pelos egressos, que permitem ao leitor diferentes análises.

Discurso referente à resposta boa

A formação que tive na UEPG foi de grande valia para minha vida profissional, não apenas me formei em Geografia, mas tive uma formação pessoal muito boa. A universidade abriu diversas portas e espero que continue sempre evoluindo para formar profissionais com maior capacidade a fim de melhorar nosso país. Falta de carga horária. Minha formação me deu suporte para o buscar um aprofundamento posterior. A ênfase no curso estava voltada as disciplinas de Licenciatura, mas hoje sinto muita falta como pesquisadora e até mesmo como professora, de uma base melhor em outras disciplinas fundamentais das quais não faziam parte da minha grade curricular. Os professores colaboradores também nem sempre contemplaram minhas expectativas, principalmente os que lecionavam disciplinas que não correspondiam com suas respectivas formações. O sucesso profissional depende somente de si. Mesmo que as condições estruturais e investimentos para uma formação de alta qualidade nas licenciaturas sejam deficientes, a formação foi boa, graças à contribuição de profissionais da educação dedicados e que fazem o curso acontecer com o que se tem. A formação foi boa, porém poderia ser mais voltada à área da educação em si, com conceitos e metodologias voltadas para a sala de aula, o que faltou em algumas disciplinas. Infelizmente no curso de licenciatura o ensino está bastante precário. Sendo visível que os problemas com melhor embasamento teórico têm certa 'preferência' pelos graduandos em Bacharel. Acho que só não foi excelente, pois muita coisa que aprendi na Universidade não utilizo para lecionar nos dias de hoje. Acredito que o curso pode vir a melhorar. Embora não esteja exercendo a profissão de professor, acredito que em muito o curso contribuiu na minha formação, na maneira de refletir sob novas perspectivas assuntos que antes não dava atenção ou era indiferente. As experiências da graduação me possibilitaram resolver os problemas que encontrei em minha profissão. Deixou a desejar nas disciplinas práticas como estágio. A realidade que encontramos no dia a dia é muito diferente daquilo que vemos na teoria. A disciplina de Didática deveria ter mais horas ou ser desmembrada em duas, pois é muito diferente ensinar um conteúdo para as diferentes faixas etárias. Como agora o ensino fundamental é de 9 anos, e mesmo sendo da área de pedagogia o ensino de geografia para as séries 1ª a 5ª creio q seria muito interessante o conhecimento dos licenciados para estas séries também. Creio também que pelo fato dos professores terem sua primeira formação como bacharéis o curso ainda tem muito mais visão para esta área

perdendo um pouco o foco da licenciatura. Algumas disciplinas foram bem aplicadas, mas outras ficaram a desejar. Na minha atual profissão, eventualmente trabalho auxiliando os oficiais do Corpo de Bombeiros na formação de novos profissionais. Com a formação recebida na UEPG, facilitou muito a maneira de planejar as instruções e a maneira de transmitir o conhecimento, necessário para os novos profissionais. Com relação à licenciatura acho que a prática docente deveria ser iniciada mais cedo e não somente nos dois últimos anos. Atende as expectativas na minha área profissional. Acredito que o estágio deveria ser iniciado desde o primeiro ano, como forma de observação, para o acadêmico já ir se familiarizando com o curso.

Discurso referente à resposta excelente

Desde o 3º ano da licenciatura eu já trabalhava na área e tudo foi de grande valia. Não tive dificuldades ao assumir a sala de aula.

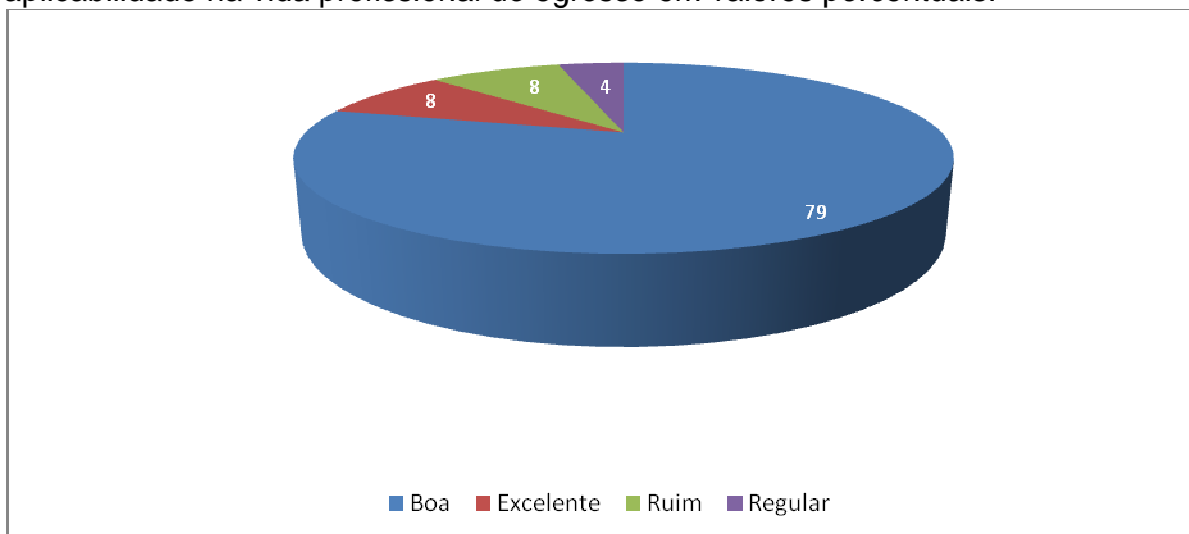
Discurso referente à resposta regular

A licenciatura apresenta algumas defasagens que só na prática se percebe.

Discurso referente à resposta ruim

Difícil acesso ao mercado de trabalho por falta de organização do Estado. Vejo que o curso não prepara para a realidade da sala de aula. Ficamos muito presos aos conteúdos dos currículos, mas as discussões sobre a relação pedagógica junto aos alunos e formas alternativas de se trabalhar didaticamente os conteúdos são quase nulos. Deve-se repensar totalmente a questão do currículo. Conteúdos podemos pesquisar a posteriori, de acordo com a necessidade. Mas formas da relação pedagógica e reflexões sobre toda a complexa realidade da sala de aula atualmente e alternativas de superá-la são questões emergências e pouco debatidas.

Gráfico 6: Avaliação da formação recebida na graduação em relação à aplicabilidade na vida profissional do egresso em valores percentuais.



Fonte: CPA/UEPG

2.2.3 Dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho

Considerando os percentuais apresentados na Tabela 6 e a cidade de residência dos egressos, podemos afirmar que o mercado de trabalho desses profissionais é em grande maioria ofertado pelo governo de estado, em escolas da educação básica (6º ao 9º ano e ensino médio). O ensino privado também atua na região, contudo com menor expressão. Há destaque para esta categoria administrativa apenas no município de Ponta Grossa, ainda em menor expressão que o mercado estatal.

O curso de Geografia da UEPG foi criado em 1950, pela antiga FAFI – Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa, e desde lá vem formando professores nessa área. Desta forma a competitividade no mercado de trabalho expressa por 16,67% dos egressos pode ser considerada natural na região próxima a Ponta Grossa. A inexperience profissional também foi apontada por 8,33% dos egressos, como dificuldade para inserção no mercado de trabalho.

Ao olharmos mais atentamente para as exigências do mercado de trabalho verificamos que as vagas ofertadas pelo governo de estado estão vinculadas a testes seletivos, que com regularidade, pontuam o tempo de experiência profissional para contratar seus docentes. Os recém-formados acabam tendo maiores chances de contratação quando surgem os concursos públicos, que fazem a média entre conhecimentos (específicos e pedagógicos) e tempo de exercício profissional.

Podemos ainda considerar expressivo o percentual de egressos que afirma ser a relação teoria-prática (12,50%) a principal dificuldade enfrentada no mercado de trabalho. A esse percentual pode ser acrescido os 16,67% que indicam o distanciamento da formação em relação às necessidades da atuação profissional. Esse apontamento confirma o já expresso anteriormente pelo grupo (item 2.2.2), ao realizar a crítica sobre a formação pedagógica ofertada pelo curso, que não atende as demandas reais da prática, questões que pontuarão a revisão curricular para 2013 em que o Colegiado de Curso tentará fortalecer a relação teoria-prática utilizando como eixo as disciplinas articuladoras (prática como componente curricular).

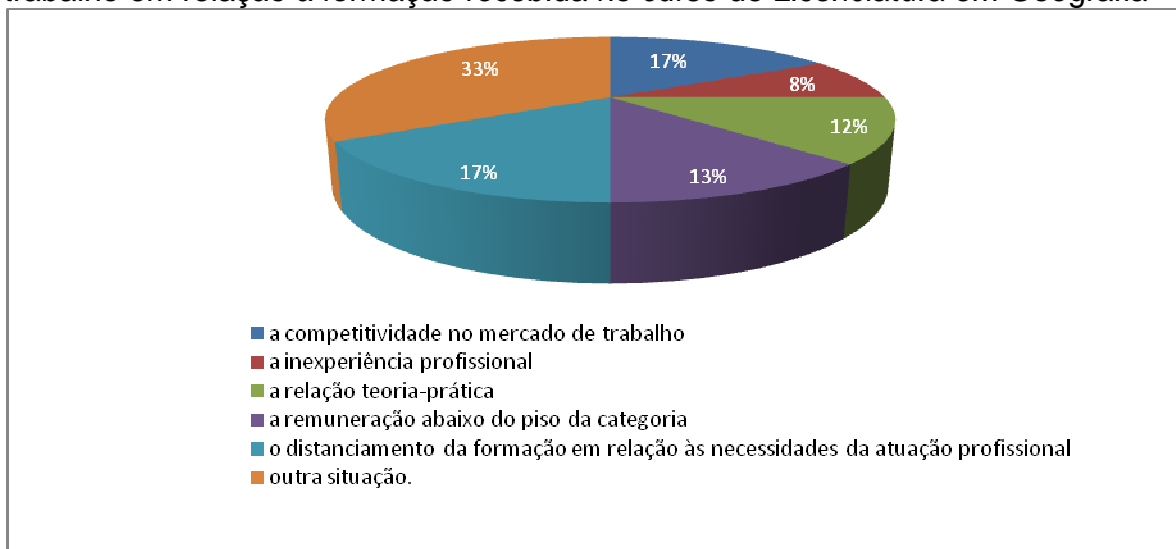
Em relação à remuneração, o baixo valor pago ao trabalho docente é algo histórico da profissão, contudo, o Estado busca seguir os preceitos já conquistados pela categoria, que não tem avançado satisfatoriamente. Porém, isto pode não ser a realidade das instituições privadas, que possuem outra autonomia sindical, da qual desconhecemos a situação geral.

Tabela 6: A principal dificuldade enfrentada pelos egressos no mercado de trabalho em relação à formação recebida no curso de Licenciatura em Geografia

Opção	(Qt)	(%)
a competitividade no mercado de trabalho	4	16,67%
a in experiência profissional	2	8,33%
a relação teoria-prática	3	12,50%
a remuneração abaixo do piso da categoria	3	12,50%
o distanciamento da formação em relação à atuação profissional	4	16,67%
outra situação.	8	33,33%
Total geral	24	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 7: A principal dificuldade enfrentada pelos egressos no mercado de trabalho em relação à formação recebida no curso de Licenciatura em Geografia



Fonte: CPA/UEPG

2.2.4 Sugestão à organização curricular do curso

No âmbito da organização curricular, os sujeitos participantes da pesquisa opinaram sobre a realidade de suas formações e apontaram direcionamentos na propositura de mudanças que possam contribuir para a melhoria do curso. Dentre tais reflexões, agrupamos as falas em subcategorias assim distribuídas: Formação Específica Profissional, Formação Básica da Geografia, Formação em Pesquisa, Estágio Curricular e Estrutura Física do Curso.

- Formação Específica Profissional

Para os participantes da pesquisa, a Licenciatura em Geografia deveria dar maior ênfase às questões pedagógicas, proporcionando uma maior relação teoria-prática, trazendo para a Universidade questões referentes à realidade da escola e principalmente às problematizações e complexidades a serem enfrentadas, como a diversidade de lidar com situações de inclusão, educação do campo e educação indígena.

Ressaltamos algumas das falas que apontam tais necessidades: “melhora nas disciplinas da área de educação”, “tratar de temas atuais como: educação inclusiva, educação do campo, educação indígena”, “ser melhor direcionada à licenciatura”, “disciplinas relacionadas às práticas educacionais como fundamentos

da educação, estrutura da educação e didática precisam ser ministradas no mesmo período que o estágio supervisionado para a facilidade de interação de informações” e “se concentrar mais nos aspectos pedagógicos da relação professor-aluno. Os discentes do curso deveriam vivenciar e refletir mais sobre a escola, havendo uma aproximação entre a teoria e a prática a ser exercida em sala de aula”.

Para nós, entretanto, a situação de atrelar as disciplinas da formação específica profissional junto ao momento de estágio não procede, uma vez que elas trazem subsídios importantes para que o aluno seja inserido por meio do estágio no campo de trabalho. Outra questão é que não pretendemos separar a formação pedagógica da formação básica geral (antigo modelo 3 + 1), visto que entendemos que a formação do professor deve estar contemplada ao longo de todo o curso.

Outro sujeito da pesquisa destaca “A disciplina de Didática deve ser mais voltada à realidade da sala de aula (...) com dicas de como devemos agir com a diversidade dos alunos, nos diferentes níveis de aprendizagem”.

Constatamos que o egresso constata a importância dessa articulação, que devem receber maior ênfase nos componentes curriculares, no sentido de ampliar discussões e estudos sobre a questão. No que tange aos níveis de aprendizagem e a prática didática do professor duas questões precisam ser consideradas: uma delas é que entendemos que o egresso sinta necessidade de uma preparação prática para atuar em sala de aula, mas como já foi dito anteriormente (item 2.2.2) não se pode propor “receituários prontos”, considerando a diversidade de situações do campo de trabalho; a outra se refere ao ementário do curso, que após análise concordamos que de fato há ainda pouca oportunidade de estudo das teorias de aprendizagem e de ensino, que podem ser fortalecidas no momento de reformulação curricular, buscando dar mais subsídios à ação docente.

- Formação Básica Geral / Geografia

Com ênfase às disciplinas próprias da ciência geográfica, encontramos nas falas certa oposição ao discurso anteriormente exposto. Alguns sujeitos destacam a necessidade de aprofundamento e até de inserção de disciplinas que são próprias da formação de bacharel no curso de licenciatura, alegando a necessidade de uma formação mais ampla. Destacam ser necessário: “aprofundamento em algumas disciplinas fundamentais que constituem apenas a grade curricular do bacharelado”,

“as disciplinas ofertadas no curso de bacharelado, poderiam ser ofertadas também para o curso de licenciatura, para os acadêmicos terem uma noção básica de cada área específica”, “voltar à grade antiga, quando era bacharelado e licenciatura juntos. O mercado de trabalho teria profissionais mais completos”, “matérias como topografia e hidrologia deveriam fazer parte da grade de licenciatura em Geografia e não apenas bacharelado”.

Percebemos nestas falas que há uma confusão de entendimento no que de fato é necessário à formação do profissional da Licenciatura em Geografia e empatias temáticas, no sentido de que alguns alunos gostariam de cursar determinadas disciplinas, porém estas não se aplicam ao campo de trabalho, sendo portando irrelevantes. Para esta finalidade específica existe a Pós-Graduação, que irá justamente preencher as lacunas de interesse pessoal de cada profissional.

Algumas proposições merecem estudo por parte do colegiado:

- “Deveria ter apenas introdução à geologia no primeiro ano, no segundo ano deveria ter geologia aprofundada e geomorfologia deveria ser no terceiro ano”. Essas disciplinas são fundamentais para o entendimento da configuração espacial, além de fazerem parte de uma gama de conteúdos elencados nos currículos oficiais para a Educação Básica.

- “As disciplinas de conteúdo deveriam se centrar que estão formando futuros educadores, e assim objetivar em suas ementas objetivos que levem isso em questão. Ou seja, que fizessem uma ligação entre os conteúdos e formas alternativas de trabalhar com os alunos”, denota-se aqui uma preocupação similar às inquietações do colegiado que busca, por meio de encontros e reuniões, mobilizar os demais colegas dessas áreas para um envolvimento com a formação profissional proposta pelo curso. Vemos que neste aspecto ainda há muito a ser conquistado, pois se constata um distanciamento dos professores da formação básica geral para com as preocupações do âmbito pedagógico-profissional.

- Formação em Pesquisa

No que tange à pesquisa, os egressos solicitam “mais incentivo à pesquisa e pós-graduação” e nesse sentido “fazer com que o TCC tenha como foco principal o ensino, ou temas que sejam abordados a contribuir para a formação de Licenciados”

Também é destacada a necessidade de “incentivar mais a pesquisa e a aproximação da Universidade com a sala de aula” e ainda que “o curso deveria ter uma disciplina mais metodológica envolvendo a questão de ensinar a fazer artigos científicos, usar as normas da UEPG, seminários, entre outros, porque este tipo de informação nos faz muita falta quando chegamos ao último ano e malmente sabemos fazer citações de autores, que dirá fazer artigos científicos”.

Fica nítido que o egresso identifica a necessidade de ser professor-pesquisador, considerando fundamental este preparo em seu período de formação acadêmica, ainda que da licenciatura. Atualmente o curso de Licenciatura prevê a elaboração de um TCC, bem como uma disciplina de Metodologia Científica que dá subsídios à pesquisa. Atualmente não há obrigatoriedade de que o aluno trate de questões ligadas ao ensino de Geografia (profissão de professor) em seu TCC.

- Estágio Curricular

A respeito do estágio os egressos destacam: “a disciplina de estágio (observações) deveria ser feita desde o primeiro ano do curso”, outro complementa “para realmente preparar o profissional para a docência”. Também citam que “a realidade do conteúdo metodológico também está um pouco fora do que é exigido do professor. Creio que aumentando as horas de estágio o aluno conseguirá, com o auxílio do professor responsável por esta área, adaptar o conteúdo metodológico da UEPG ao exigido no mercado de trabalho”.

Podemos destacar ênfase em três questões centrais:

1. Maior contato com o campo de trabalho, possibilitando a relação teoria-prática desde o primeiro ano do curso. Porém esta vivência não pode ser propiciada pelo estágio, conforme regulamenta a Resolução CNE/CP 02/2002. Cabe aqui ressaltar a importância das disciplinas articuladoras propiciarem algumas vivências nesse sentido.
2. Maior tempo de docência propiciada pelo estágio. A lei prevê 400 horas de atividades ligadas ao estágio, as quais são divididas entre estudos, práticas e reflexões sobre a prática. O efetivo exercício em relação direta do acadêmico com os alunos da educação básica cumpre uma parcela desta carga horária, pois atualmente encontramos dificuldade em maior permanência do mesmo nas escolas. Outra questão é que a docência não se resume ao “ministrar

aulas”, concepção que permeia as diversas atividades propostas pela disciplina.

3. No que tange ao conteúdo metodológico citado pelo egresso, entendemos que se trata da transformação dos conteúdos acadêmicos em conteúdos escolares, procedimento este que deverá ser desenvolvido por cada docente, pois está permeado das normas institucionais, das características próprias dos alunos, dos saberes do conteúdo do professor e de práticas didáticas já vivenciadas por ele. Este saber é, contudo, algo construído pelo profissional em exercício de sua função, não podendo ser transmitido como um conhecimento pronto.

Apesar destas considerações, acreditamos que a proposta de estágio deve atender as demandas da prática, reorganizando os espaços e tempos propostos em seu projeto anual.

- Estrutura Física do Curso.

Referente à estrutura física menciona o egresso que “o curso de Licenciatura em Geografia da UEPG é ótimo, porém, acredito que falta uma melhor estrutura principalmente de laboratórios e uma biblioteca melhor equipada com obras atuais, a fim de melhorar as pesquisas realizadas pelos professores e acadêmicos. Na área de laboratório, o que mais senti falta, foi de um espaço informatizado para aproximar o futuro professor das mais novas tecnologias, a fim de prepará-lo melhor para desempenhar sua função como educador”.

Observa-se que o egresso está ciente de que hoje praticamente 100% das escolas de educação básica possuem laboratórios de informática e que devem ser utilizados pelos professores ao ensinarem suas disciplinas. Entretanto no curso de licenciatura em Geografia não há ênfase em práticas de laboratório informacionais com a finalidade de atender o licenciando em sua formação para o ensino.

2.3 Atuação Profissional

Neste campo da pesquisa fora interrogado sobre a atuação profissional dos egressos, no sentido de identificar a área em que estão trabalhando, se correlata ou não à formação em Licenciatura em Geografia.

2.3.1 Relação área de graduação X área profissional

Do grupo de sujeitos egressos 50% estão vinculados diretamente ao campo de trabalho da Licenciatura, sendo 41,67% como empregados e 8,33% como autônomos. Ainda aparecem 12,50% que estão trabalhando como empregados em áreas correlatas.

Destaca-se que apenas um sujeito afirma não ter encontrado mercado de trabalho na área. Fora da área de graduação, por escolha pessoal, estão 16,67%. Esta realidade é constatada com certa frequência no curso, que recebe muitos funcionários públicos, em especial de carreira militar, com uma profissão definida, utilizando sua formação superior para avanços de carreira.

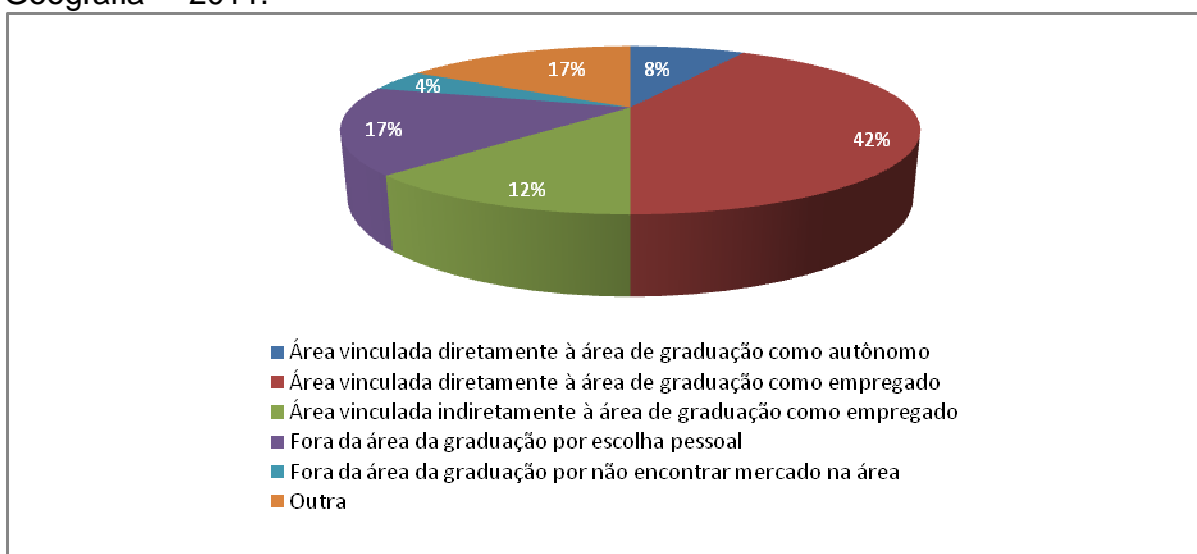
Tais informações podem ser visualizadas na tabela e gráfico que seguem.

Tabela 7: A área profissional dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em Geografia - 2011

Opção	(Qt)	(%)
Área vinculada diretamente à área como autônomo	2	8,33%
Área vinculada diretamente à área como empregado	10	41,67%
Área vinculada indiretamente à área como empregado	3	12,50%
Fora da área da graduação por escolha pessoal	4	16,67%
Fora da área da graduação por não encontrar mercado na área	1	4,17%
Outra	4	16,67%
Total geral	24	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 8: A área profissional dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em Geografia – 2011.



Fonte: CPA/UEPG

2.3.2 Tipo de exercício profissional

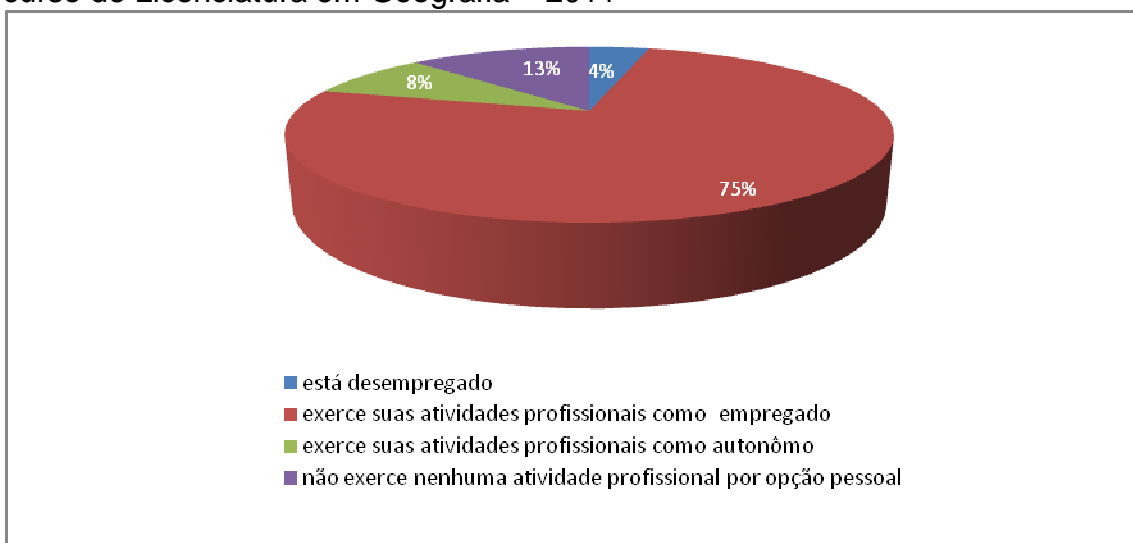
Complementando os dados anteriores, a pesquisa ainda interroga sobre o efetivo dos egressos quanto à inserção no mercado de trabalho. Do grupo, como já fora visto, apenas 4,17% (um profissional) está desempregado, 83,33% estão trabalhando, sendo que destes 75% como empregados (provavelmente a maior parte no setor de educação pública) e 8,33% como autônomos. Concluindo as estatísticas destacam-se os 12,50% que não exercem nenhuma atividade profissional por opção pessoal.

Tabela 8: As atividades profissionais exercidas pelos egressos em relação ao curso de Licenciatura em Geografia - 2011

Opção	(Qt)	(%)
está desempregado	1	4,17%
exerce suas atividades profissionais como empregado	18	75,00%
exerce suas atividades profissionais como autônomo	2	8,33%
não exerce atividade profissional por opção pessoal	3	12,50%
Total geral	24	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 9: As atividades profissionais exercidas pelos egressos em relação ao curso de Licenciatura em Geografia – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.3.3 Tipo de atuação profissional

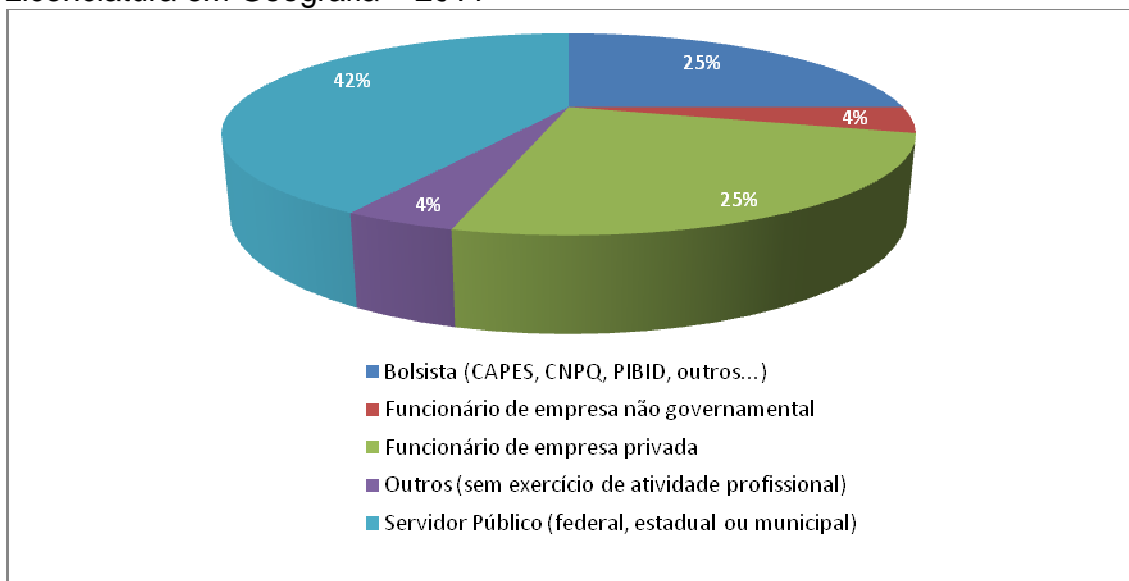
As atividades profissionais do grupo de egressos se distribuem entre as seguintes categorias administrativas: empresa pública 41,67%, empresa privada 25% e ONGs 4,17%. Assinala-se, como visto nos gráficos anteriores, que 4,17 % (que representa um único sujeito) está sem atuação. Nesta categoria foram ainda enquadrados os bolsistas (alunos de pós-graduação) de instituições como CAPES, CNPQ e outros. Estes são licenciados, porém ainda não atuam diretamente no mercado de trabalho se dedicando à complementação de sua formação profissional.

Tabela 9: A atuação profissional dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em Geografia - 2011

Opção	(Qt)	(%)
Bolsista (CAPES, CNPQ, outros...)	6	25,00%
Funcionário de empresa não governamental	1	4,17%
Funcionário de empresa privada	6	25,00%
Outros (sem exercício de atividade profissional)	1	4,17%
Servidor Público (federal, estadual ou municipal)	10	41,67%
Total geral	24	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 10: A atuação profissional dos egressos em relação ao curso de Licenciatura em Geografia – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.3.4 Tempo entre a conclusão do curso e o primeiro trabalho

Neste quesito verificamos que: no período de 1 ano 62,51% se inseriram no mercado de trabalho correspondente à área de formação e 29,17% já trabalhavam em outras funções das quais não se desligaram. Porém, deste último grupo, constatamos que 4,16% já atuava em área correlata e também 4,16% já atuava na área de formação. Ainda 4,16% está vinculado a Programa de Pós-Graduação como bolsista e mais 4,16% informa que não atua diretamente na área.

Considerando o pouco tempo que o profissional tem levado para se inserir no mercado de trabalho e que o curso forma novos professores anualmente, podemos afirmar que o mercado ainda necessita de profissionais da Licenciatura em Geografia.

Nas falas que seguem podem ser verificados os casos específicos de tempo de inserção para o mercado de trabalho, que geram este percentual e confirmam as análises aqui apresentadas.

Discurso referente à resposta imediatamente

Participação de seleção no fim do período de curso. Ao entrar no mestrado consegui bolsa pela CAPES; Cnpq como professor formador pela UAB no ensino a distância. Ingressei no mestrado como bolsista assim que concluí a graduação. Na sequência, emendei o doutorado também como bolsista. Porém fiquei um período de um ano sem trabalhar, devido a mudança de endereço. Acabei o curso em 2008 e comecei a

trabalhar em 2009, parei de trabalhar para ingressar no mestrado. Ingresso imediato em instituição educacional. Imediatamente. Fui chamada para trabalhar na rede pública estadual imediatamente ao término do curso.

Discurso referente à resposta até seis meses

*Contrato PSS - Secretaria de Estado da Educação do Paraná
Após a conclusão do curso, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG, onde tive o privilégio de ser premiado com a concessão de BOLSA CAPES/CNPq. A bolsa tem validade até fevereiro de 2013.
Logo passei em um concurso na mesma universidade na Educação a Distância
Falta de experiência.*

Discurso referente à resposta até um ano

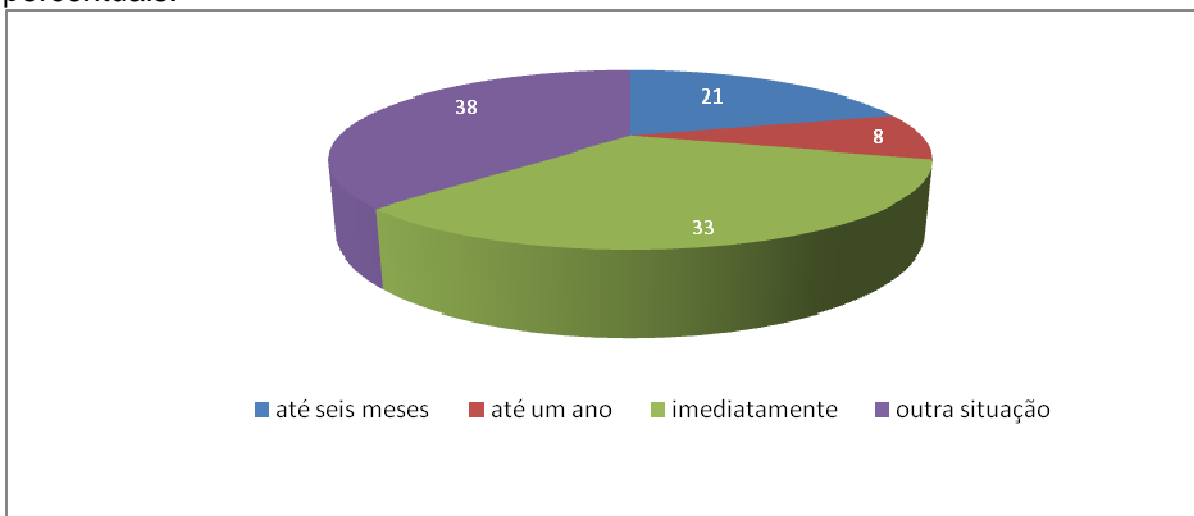
*Atuei como licenciado pelo PSS do Estado.
Atualmente sou Tutora Online do curso de Licenciatura em Geografia pela UAB (Universidade Aberta do Brasil), por meio da NUTEAD.*

Discurso referente à resposta outra situação

Quando terminei a graduação, ingressei direto no mestrado e desde então sou bolsista pela Capes, porém no tempo em que estava na graduação fui durante 1 ano e meio professora PSS pelo governo do Estado, lecionando a disciplina de Geografia. Trabalho em função pública. Eu já estava prestando serviço no setor público quando iniciei o curso na UEPG. Já era formado em outra instituição, e já estava trabalhando na área da outra formação. Não trabalho na área de graduação. Não atuo na minha área de formação Nem cheguei a atuar. PSS é uma vergonha. Concurso de 2007 já nem conto mais. Trabalhava desde o 3º ano na área. Já atuava como professora do ensino fundamental de 9 anos, continuo nesta área trabalhando nas 5 primeiras séries, como professora de geografia infelizmente ainda não consegui aulas.

Tais considerações são agrupadas no gráfico que segue para melhor visualização do grupo investigado.

Gráfico 11: Tempo decorrido entre a conclusão do Curso de Graduação e o primeiro emprego ou atuação como autônomo na área de formação dos egressos em valores percentuais.



Fonte: CPA/UEPG

2.4 Qualificação Pós-Graduação

Sobre o interesse em identificar a formação continuada a pesquisa apresentou os seguintes resultados:

2.4.1 Especialização

Dos egressos entrevistados 29,16% apontaram que cursaram ou estão cursando especialização. Destes, 42, 86% na área de educação, 28,57% na área de Geografia e 28,57% em áreas correlatas.

2.4.2 Mestrado

Quanto ao Mestrado, seis egressos apontam estar vinculados a algum programa, sendo que apenas um tem recebimento de bolsa. Deste grupo que configura 25% dos egressos, 66,66% estavam cursando mestrado em Geografia, 16,67% mestrado em Ciências Sociais e 16,67% mestrado em Educação.

2.4.3 Doutorado

Do grupo de egressos, um sujeito, que equivale a 4,16%, revelou estar vinculado a Programa de Doutorado em Geografia.

Mediante os dados apresentados consideramos relevante o índice de alunos inseridos em cursos de Pós-Graduação, que corresponde a 58,33% do grupo. Este dado revela que o fomento para pesquisa no curso de Licenciatura (primeira turma em 2007), por meio do TCC, tem motivado e fornecido subsídios para ações mais expressivas no campo da pesquisa.

3 Considerações Finais

3.1 Colegiado de Curso

A prática da avaliação de egressos não é uma tarefa fácil, principalmente quando encarada como um verdadeiro choque diante da realidade sobre o trabalho exercido. No entanto, é imprescindível justamente para detectar pontos importantes para serem revistos na atuação da Universidade frente à formação profissional. Grande parte das respostas emitidas traz além dos pareceres positivos, os problemas de insatisfação e até mesmo insegurança, em relação à formação profissional de cunho inicial que fora recebida.

Sabe-se que, a formação do professor, embora muito debatida, ainda não se concretiza a contento em sua prática, ficando muitas vezes como uma reflexão consolidada nos discursos, mas que ainda se distancia das necessidades do campo de trabalho.

As experiências e relatos expressos nesta avaliação, ainda que de forma sucinta, comprovam a realidade expressa por NÓVOA (1992, p.25) que aponta para o fato de que a formação de professores, ou seja, os cursos de licenciatura têm ignorado “o desenvolvimento pessoal, a articulação aos projetos das escolas (...) a construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional”, ficando focados apenas na especialidade de formação disciplinar daquele campo científico.

Em nossa realidade, as disciplinas pedagógicas e o campo do estágio têm tentado atender esta demanda, mas como os próprios discursos dos egressos destacam, isto ainda é muito pouco. Os mesmos assinalam a necessidade de mais estágio, justamente por essa necessidade de articulação Universidade-Escola, porém entendemos de forma subliminar que estes querem expressar a importância do curso pensar que profissional estão formando e atrelar todas as suas ações nesta

perspectiva, não se tratando de mobilizar apenas a dimensão das disciplinas pedagógicas, mais sim todo o quadro curricular, para esta produção do saber na formação do licenciado, futuro professor.

Ainda salientando o que estabelecemos de análise dos discursos apresentados, o aluno da licenciatura anseia por receber uma capacitação muito mais ampla para prepará-lo para exercer a profissão em sala de aula, e com isso agrega até outras necessidades que só serão satisfeitas quando realmente estiverem agindo na docência. É a chamada “reflexão sobre a ação e reflexão na ação” de Schön (1992), que acaba por exigir em muitos casos o seu retorno para a universidade, nas pós-graduações, onde nesse nicho de formação continuada, poderá estender suas indagações, traçando diálogos com muitos de seus pares que já atuam e trazem consigo um amplo cabedal de vivências, imprescindíveis nesta etapa de formação. Neste sentido, Zeichner (1992) menciona a importância do momento *practicum*, que é justamente quando o professor pode transformar a sua vivência em pesquisa, para satisfazer as próprias inquietações profissionais, ou seja, investigando sua própria prática, este é movido a refletir, transformando estas reflexões em produção acadêmica e ao mesmo tempo em mecanismos a serem utilizados como ferramentas para lidar com as situações problemas do dia a dia profissional.

Os egressos, aqui participantes da pesquisa contribuem em muito com suas falas no sentido de fazer o colegiado e os docentes que atuam no curso repensar a própria prática e também o currículo, encontrando meios de reduzir as lacunas detectadas e assim ofertar uma formação mais completa e satisfatória. Ainda que exista a formação continuada, algumas necessidades aqui evidenciadas devem ser supridas na formação inicial. Situações como educação inclusiva, de diversidades étnicas e sexuais tem adentrado o campo da educação, como percebido e revelado por estes egressos, exigindo deles uma preparação condizente para as demandas de sala de aula.

Assim, avaliar é parar para repensar sobre estes problemas e necessidades contemporâneas, que vão além da formação de um profissional com domínio de conteúdo geográfico, pois exige atrelar estes às necessidades do mundo da educação. Neste sentido, mister se faz estreitar os laços entre escola e Universidade e mobilizar toda a equipe para traçar novas diretrizes para esta formação, revendo

propositura de disciplinas, ementas e até mesmo a própria prática como professores de futuros professores.

Acreditamos que é necessário se fazer uma nova cultura frente aos resultados de uma avaliação institucional, ultrapassando as barreiras estruturais e históricas, para fazer da Universidade o *locus* de reflexão e formação profissional constante, até de nossas próprias posturas. Não queremos aqui, distanciar a participação do aluno frente a esse resultado, que aponta adversidades a serem superadas, mas sim, nos dispormos a olhar para esta avaliação como instrumento para fomentar mudanças necessárias a fim de atingir maior grau de excelência.

3.2 Comissão Própria de Avaliação

Sendo inerente às instituições de ensino superior a formação de indivíduos éticos, críticos e criativos, e aptos para o exercício profissional, a promoção do diálogo permanente com os egressos de seus cursos torna-se essencial para que a ela retornem informações sobre a qualidade da formação recebida, tanto curricular quanto ética, a inserção no mercado de trabalho, a satisfação profissional, a relação entre a ocupação e a formação profissional, além da continuidade da formação em cursos de atualização e de pós-graduação.

Dentre as diferentes possibilidades de avaliação institucional registra-se a de averiguar a opinião dos egressos dos cursos de graduação, quando já exercendo atividades profissionais, pois ela é uma das dimensões proposta pelo SINAES (9ª Dimensão).

O *feedback* dos egressos em relação ao ensino ofertado pela instituição é necessário para a proposição das mudanças nos currículos, nos processos de ensino-aprendizagem, na gestão universitária e para averiguar a trajetória profissional e acadêmica após a conclusão do curso. Nesse sentido, o egresso do curso de graduação pode constituir-se como um indicador de avaliação institucional e uma referência para avaliação da qualidade acadêmica da instituição formadora.

O processo de avaliação de egressos desencadeado na UEPG pautou-se nesses princípios, ou seja, considerou que a realidade profissional vivenciada pelos ex-alunos constitui-se como um indicador substantivo da qualidade acadêmica, evidenciando as potencialidades e fragilidades do currículo desenvolvido no processo de formação.

O desafio de construí-lo numa perspectiva crítica apontou que, para além de uma fundamentação teórica de avaliação institucional foi necessário desenvolvê-la numa postura dialógica e democrática considerando os múltiplos fatores que a interseccionam: socioculturais, científicos e pedagógicos.

Os resultados obtidos na avaliação de egressos dos cursos de graduação da UEPG podem contribuir para avanços reais, se os gestores acadêmicos consideram a riqueza de informações, significados e perspectivas desveladas pelos ex-alunos.

4 Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP Nº 02 de 19 de fevereiro de 2002**. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Disponível em www.mec.gov.br.

NÓVOA, Antônio. “Formação de professores e profissão docente”. In: Antônio Nóvoa (org). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SCHÖN, Donald ^a “Formar professores como profissionais reflexivos”. In: Antônio Nóvoa (org). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SHULMAN, Lee S. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. **Revista de currículum y formación del profesorado**, 9, n. 2, 2005.

ZEICHNER, Ken. “Novos Caminhos para o *practicum*: uma perspectiva para os anos 90”. In: Antônio Nóvoa (org). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

